

PAULA TAVARES E ODETE SEMEDO: DUAS VOZES FEMININAS (IN)SUBMISSAS

Valci Vieira dos Santos¹

RESUMO: Paula Tavares, angolana, e Odete Semedo, guineense, são duas escritoras que têm retratado a africanidade de seu povo com maestria. Ambas têm construído, de forma indubitável, literaturas que se situam no âmbito do feminismo, mas também do feminino. Seus projetos literários fazem ecoar e ressoar vozes que chamam a atenção de seus leitores para o cotidiano multicultural de duas nações, de cujos espaços sociais, políticos e culturais, emergem reflexões sobre guerras, tradições, a condição da mulher, investidas de antigos colonizadores que insistem em apagar a memória de suas terras, num ataque frontal à identidade e à cidadania de seus povos. Tavares e Semedo são, dessa forma, duas vozes transgressoras, insubmissas, que lutam contra forças que tentam, historicamente, fazer calar seus cantos libertários. Nesse sentido, o trabalho objetiva refletir sobre estas questões, as quais desfilam com desenvoltura por entre os fios que entrecem os seus textos literários. O *corpus* literário, a ser analisado, se constituirá de poemas das duas poetisas. A título de suporte teórico, lançaremos mão de nomes significativos, tais como: Wladimir Krysinski (2007) e Carlos Felipe Moisés (2012); Stuart Hall (2002;2003) e Homi K. Bhabha (2010); Frantz Fanon (2020).

Palavras-chave: Paula Tavares; Odete Semedo; vozes femininas (in)submissas.

PAULA TAVARES AND ODETE SEMEDO: TWO (IN)SUBMISSIVE FEMALE VOICES

ABSTRACT: Paula Tavares, Angolan, and Odete Semedo, Guinean, are two writers who have portrayed the Africanity of their people with mastery. Both have undoubtedly constructed literatures that are situated in the realm of feminism, but also of the feminine. Her literary projects echo and resonate voices that draw the attention of their readers to the multicultural daily life of two nations, from whose social, political and cultural spaces, reflections on wars, traditions, the condition of women, attacks by former colonizers who insist on erasing the memory of their lands, in a frontal attack on the identity and citizenship of their peoples. Tavares and Semedo are, in this way, two transgressive, unsubmissive voices that fight against forces that have tried, historically, to silence their libertarian chants. In this sense, the work aims to reflect on these questions, which parade with ease through the threads that interweave his literary texts. The literary *corpus*, to be analyzed, will consist of poems by the two poets. As theoretical support, we will use significant names, such as: Wladimir Krysinski (2007) and Carlos Felipe Moisés (2012); Stuart Hall (2002; 2003) and Homi K. Bhabha (2010); Frantz Fanon (2020).

Keywords: Paula Tavares; Odete Semedo; (In)submissive female voices.

¹ Pós-Doutor em Letras pelo PPGL da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Pós-doutorando em Estudos Literários pelo PPGLEV da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras – *Campus X*/UNEB. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0630-1034>. E-mail: profvalcivieira@gmail.com.

Introdução

As literaturas africanas de língua portuguesa têm despertado, indubitavelmente, o interesse de estudiosos e pesquisadores que se depararam, e continuam a se deparar, com um manancial de manifestações literárias oriundas de inquietações de escritores e poetas que passaram a contar/cantar com a alma os mais diferentes sentimentos de seu povo, de sua terra, de seus cenários. O aparecimento dessas literaturas, segundo as pesquisadoras Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira, em artigo intitulado *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*, provém de duas instâncias: a primeira, “de um longo processo histórico de quase quinhentos anos de assimilação de parte a parte”; a segunda, “de um processo de conscientização que se iniciou nos anos 40 e 50 do século XX, relacionado com o grau de desenvolvimento cultural nas ex-colônias e com o surgimento de um jornalismo por vezes ativo e polêmico [...]”. (2007, p. 13)

Angola e Guiné-Bissau são dois desses países africanos de língua portuguesa que nos deram a conhecer vozes que passaram a privilegiar espaços de representações e de denúncias de subalternidades. Tais vozes ganharam força e passaram a produzir textos literários que se reverberam em tantas outras vozes altissonantes. Dentre elas, acham-se as de Paula Tavares e Odete Semedo. São duas escritoras que têm retratado a africanidade de seu povo com maestria. Ambas têm construído literaturas que se situam no âmbito do feminismo e também do feminino. Angola e Guiné-Bissau se constituem em dois cenários representativos de suas escritas. Seus projetos literários fazem ecoar e ressoar vozes que chamam a atenção de seus leitores para o cotidiano multicultural de duas nações, de cujos espaços sociais, políticos, culturais e literários emergem reflexões sobre guerras, tradições, a condição da mulher, investidas de antigos colonizadores que durante séculos tentaram apagar a memória de sua gente, num ataque frontal à identidade e à cidadania dos povos angolanos e guineenses. Paula Tavares e Odete Semedo são, dessa forma, duas vozes transgressoras, insubmissas, que continuam a lutar, por intermédio de suas artes literárias, contra forças que, historicamente, ainda insistem em calar seus cantos libertários.

Nesse sentido, este trabalho objetiva refletir sobre estas questões, as quais desfilam com desenvoltura por entre os fios que entretecem os textos literários de Paula Tavares e Odete Semedo, de modo que seja possível compreender a importância que ambas possuem nos cenários de duas relevantes literaturas de língua portuguesa. O *corpus* literário, escolhido para

análise, se constitui de poemas de Paula Tavares e de Odete Semedo que demonstram os cenários pintados por elas, cujas cores são reveladoras de vozes potentes e resistentes.

A título de suporte teórico, lançamos mão de nomes significativos, tais como: Wladimir Krysinski (2007), Carlos Felipe Moisés (2012), Foucault (2009), Stuart Hall (2002;2003), Homi K. Bhabha (2010) e Frantz Fanon (2020), além de textos produzidos por estudiosos e pesquisadores sobre o tema proposto.

A conjugação de leituras advindas de pensamentos desses teóricos e críticos, acreditamos, nos ajudará a melhor compreender posições de duas mulheres que não se fizeram de rogadas em face de cenários de dois países marcados pelo preconceito, subjogos, conflitos, antagonismos e contradições, que se fizeram presentes, especialmente, mas não tão-somente, no período em que as relações entre povos colonizadores e colonizados mais se mostraram acirradas.

Paula Tavares e Odete Semedo: duas vozes (in)submissas e transgressoras

A evolução da literatura não para de estimular as mais diferentes visões do literário, além de apresentar ao escritor e ao leitor múltiplas facetas oriundas de reflexões de *corpus* de textos que passam a representar contextos de fatos inumeráveis e complexos (KRYNSKI, 2007). Essas diferentes visões do literário advêm, por outro lado, de mentes prodigiosas que não se curvam diante da opressão e da luta desigual e, por isso mesmo, se insurgem contra esse estado de coisas. Ao se insurgirem, fazem acionar o seu “eu” transgressor, já que a ruptura com o discurso hegemônico e castrador se torna inevitável. Seguindo nesse diapasão, a literatura torna-se um espaço por excelência para que vozes (in)submissas façam valer seus direitos. Nesse sentido, “a transgressão é, assim, uma força de mudança da matéria literária através do aparecimento de novas estruturas” (KRYNSKI, 2007, p. XXXV-XXXVI).

Carlos Felipe Moisés (2012), por outro lado, em sua obra *Tradição & ruptura: O pacto da transgressão na literatura moderna*, chama a nossa atenção para o universo semântico em que se encontra o termo “transgressão”, e por isso pode ser concebido como irreverência, contestação, desobediência, insubordinação, subversão, rebeldia, blasfêmia, ou até mesmo como estratégia de combate, como o foi com o poeta simbolista francês, Arthur Rimbaud. O mesmo Carlos Felipe Moisés amplia tais reflexões, ao dizer que se trata, portanto, de

“desregramento de todos os sentidos”, no encaço da “verdadeira vida”, e projetos utópicos, empenhados em algo como a “verdadeira vida”, [que] exigem de fato altas doses de insurreição. Para celebrar a futura conquista da vida plena, o poeta-transgressor precisa minar pela base todos os obstáculos, sobretudo os morais e religiosos, que se lhe opõem. A utopia exige que cada um de seus versos se transforme no coquetel *molotov* de uma guerrilha sem tréguas, contra os valores estabelecidos. Firme na convicção de que é preciso denunciar todas as hipocrisias, romper com todos os tabus, eliminar toda e qualquer restrição à liberdade plena (...). (MOISÉS, 2012, p. 25).

Ao que bem nos parece, Ana Paula Tavares e Odete Semedo se encaixam perfeitamente no rol desses poetas-transgressores, haja vista a construção de dois projetos literários que são marcados por vozes denunciadoras de todo tipo de ameaça e conflitos que se abateram sobre dois países que viveram durante muito tempo sob o peso de tantas agruras impostas pelo colonizador: Angola e Guiné-Bissau. Assim, os projetos literários de Tavares e Semedo se constituem em duas verdadeiras armas de combate, especialmente quando acionam seu potencial “destruidor” como forma de denúncia, resgate, lembranças e resistência. Cada projeto literário, a seu modo, tornou-se, dessa forma, um manancial de manifestações literárias que não perderam de vista a relevância de manter sempre viva, na memória de duas Nações africanas, a história de luta pelas suas libertações. Cada palavra e cada verso que compõem seus poemas se transformam, assim, em forças transgressivas de escritas literárias que marcam suas experiências de pensamento.

Ana Paula Ribeiro Tavares é uma poeta, prosadora e historiadora. Nasceu na província da Huíla, Lubango, situada ao Sul de Angola, em 30 de outubro de 1952. Parte de sua infância foi vivida nessa província, onde, inclusive, concluiu seus estudos primários e secundários, e de onde, também, emanaram tantas lembranças responsáveis pelo cabedal criativo de sua obra estética.² Graduou-se em História, com Mestrado em Literatura Africana e Doutorado em Antropologia (Etnografia). Tem desempenhado várias atividades profissionais, desde a docência ao exercício de cargo técnico em Ministério da Cultura de Angola, Diretora Nacional do Patrimônio Cultural, em Luanda etc.

² A esse respeito, vejamos o testemunho da escritora: “A Huíla desempenhou um papel particular em ‘termos’ de cheiros, sons, cores, canções que me marcaram muito do ponto de vista estético. Essa era procura. Por outro lado, eu vivi esse tempo no limite entre duas sociedades completamente distintas – e talvez não tenha conseguido compreender nenhuma das duas. Por isso tentei reflectir e escrever sobre partes de uma e partes de outra que me marcaram fundamentalmente. A Huíla, tal qual era na minha juventude, era o limite entre duas sociedades bem distintas: a sociedade europeia – é uma cidade com muitas características europeias: uma cidade de planalto, onde faz frio, e verde... E, por outro lado, uma sociedade africana era ignorada pela cidade europeia”. In: *Michel Laban*. Angola. Encontro com Escritores. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1991, II vol. p. 849.

A força transgressiva da escrita de Tavares denuncia um “eu” feminino que vive e respira o universo angolano. Sua lírica é fortemente marcada por livros que fazem desfilar por entre seus versos “cheiros, sons, cores, canções” de sua terra natal, a exemplo de *Ritos de passagem* (1ª edição de 1985); *O lago da Lua* (1999); *Diz-me coisas amargas como os frutos* (2001); *Ex-votos* (2003); *Manual para amantes desesperados* (2007); *Como veias finas na terra* (2010), além de crônicas e de um romance intitulado *Os olhos do homem que chorava no rio* (2005). Em seus escritos, de um modo geral, é perceptível a presença de um sujeito poético detentor de vozes plurais que evidenciam as mais diferentes temáticas: identidade cultural, hibridização, tradição e modernidade, religiosidade, colonização, memórias etc. Estas temáticas, quase sempre, são atravessadas por fortes doses de ilusão e desilusão. A desilusão sobretudo decorrente da guerra civil e da condição periférica de seu país.

Iniciamos nossa leitura literária pelo poema “Desossaste-me”, do livro *Ritos de passagem* (1985). Neste poema, Paula Tavares apresenta-nos um texto eivado de um discurso em que a consciência da voz feminista ganha corpo e passa a denunciar as mais diferentes investidas do silêncio imposto pelo patriarcado. Para tanto, essa mesma voz feminina, ao fazer uso de sua matéria poética, ganha musculatura a fim de romper com o *status quo* dessa sociedade que, a todo custo, insiste em calar a voz do outro. Aliás, o próprio título do poema já se constitui num grito de alerta, ao fazer uso de um vocábulo formado a partir de um sistema de prefixação de natureza rígida, ou seja, o prefixo – des, cujo significado é “reversão”. Ora, desossar algo, alguma coisa, ou até mesmo alguém, remete-nos a uma ação assaz violenta, fruto da reversão de um dado processo, procedimento, e por isso mesmo opressor e coercitivo. Leiamos o poema:

Desossaste-me
cuidadosamente
inscrevendo-me
no teu universo
como uma ferida
uma prótese perfeita
maldita necessária
conduziste todas as minhas veias
para que desaguassem
nas tuas
sem remédio
meio pulmão respira em ti

o outro, que me lembre
mal existe

Hoje levantei-me cedo
pintei de tacula e água fria
o corpo aceso
não bato a manteiga
Não ponho o cinto

VOU

para o sul saltar o cercado.

(TAVARES, 2007b, p. 54).

Na verdade, o poema “Desossaste-me” possui inúmeras imagens significativas, todas elas reveladoras da violência sofrida por pessoas que são obrigadas a se submeterem à opressão da cultura patriarcal. Assim, há a presença da ideia de fragmentação obtida com ares de crueldade, pois ele, o ato de desossar, é conseguido lentamente, de modo pericial: “desossaste-me / cuidadosamente”; o uso da força e da violência, talvez física e ideológica, para levar essas mesmas pessoas a amputarem os seus desejos, suas tradições e cultura em face dos desejos do colonizador: “conduziste todas as minhas veias / para que desaguassem / nas tuas / sem remédio / meio pulmão respira em ti / o outro, que me lembre / mal existe”. Mas, ainda que esse sujeito poético, que ganha força através do discurso feminino, se vê diante de tamanha violência, não se curva ante a tamanhas atrocidades; ao contrário, a voz feminina que aí se enuncia é de tomar atitudes, pois corre em suas veias o húmus que alimenta a matéria prima que move o sentimento de transgressão, e, por isso, ela se levanta sem dificuldades, e, simbolicamente, se pinta de tacula e se envolve com água fria, cujas propriedades são representativas de força e determinação. Tal atitude é-nos reveladora da autonomia feminina, conquistada graças à sua veia insubmissa, transgressora, que passa a dispensar a figura masculina como ponte entre o mundo e sua voz outrora silenciada: “Hoje levantei-me cedo / pintei de tacula³ e água fria / o corpo aceso / não bato a manteiga / não ponho o cinto”. Mas a sua ação não para por aí; ao contrário, o ato de se levantar e ir à luta é corroborado por uma voz altissonante, materializada no emprego do verbo ir, no tempo presente do modo indicativo, com uma forte conotação de desejo, de atitude. Resulta-se, assim, no emprego do verbo grafado em maiúsculas, como que

³ Árvore africana cuja madeira possui veios de um brilhante carmesim e é usada em tinturaria.

reforçando a ideia desse grito potencialmente feminino, o qual, agora, diz ser dona de si, capaz de respirar por si só, sem a intervenção de terceiros, assumindo, dessa forma, uma clara atitude transgressora. Esta atitude transgressora culmina-se com a sua ação de pular o cercado, sem se submeter mais às amarras que a mantinham presa ao cinto da sociedade patriarcal. Sua liberdade a impulsiona a seguir em frente, num movimento contínuo em direção ao sul⁴, cuja semântica ganha ares de direções múltiplas, de desejos não contidos.

Novamente, a condição (in)submissa ontológica de Tavares se materializa através do poema “Ex-votos”, do livro homônimo, de 2003. Já no título, o poema remete-nos a aspectos da religiosidade, um dos temas caros à poesia tavariana. A expressão “ex-voto” é originária da língua latina, cujo significado quer dizer: “Imagem, quadro ou outro objeto que se coloca nos altares, em agradecimento a Deus ou a um santo por uma graça conseguida.”

No aludido poema, já na quadra de sua primeira estrofe (“No meu altar de pedra / arde um fogo antigo / estão dispostas por ordem / as oferendas”), o eu-poético chama a atenção para as tradições religiosas. A utilização da expressão “fogo antigo” reforça a ideia de manutenção da religiosidade de seu povo. Por outro lado, o vocábulo “oferendas” amplia o campo semântico de palavras comumente empregadas em eventos e rituais religiosos, responsáveis, também, pelo coroamento do sincretismo religioso de muitos povos da África-negra, como forma de valorizar aspectos culturais dos povos colonizados, evitando, ou dificultando, assim, que estes fossem apagados ou silenciados pelas acirradas investidas do colonizador, que não se cansavam de mirar em suas características não somente religiosas, mas também culturais e linguísticas.

Na segunda quadra (“neste altar sagrado / o que disponho / não é vinho nem pão / nem flores raras do deserto / neste altar o que está exposto / é meu corpo de rapariga tatuado”), o sujeito poético volta a se recusar a adotar os rituais religiosos do colonizador, quando procura deixar claro o que contém em seu “altar de pedra”, seu “altar sagrado”; ao fazê-lo, nega a presença, em seu ritual, de dois importantes elementos que simbolizam o sangue de Cristo: o

⁴ A menção ao Sul, na poesia de Ana Paula Tavares, faz-se presente em vários de seus poemas, como, por exemplo, em “Boi à vela”, do livro *Ritos de passagem* (1985). Várias são as concepções passíveis de leitura, acerca do sul, quando deparamos com os poemas tavarianos: Em Boaventura de Sousa Santos (2009), o sul pode significar um espaço de desafios epistêmicos, quando feitas reflexões a respeito dos impactos e danos historicamente ocasionados pelo capitalismo em sua relação perversa, de cunho colonial, com o mundo. Ou seja, alude-se, também, do ponto de vista do sul geográfico, ao elenco de países que foram submetidos ao colonialismo europeu: países da África-negra e latino-americanos. Mas também funciona como uma forma de denúncia ante às atrocidades do colonialismo, ao tempo em que procura valorizar saberes, hábitos e costumes de povos que resistiram às inúmeras tentativas de silenciamento impostas por esse mesmo colonialismo. Carmem Tindó Secco (2002) também nos informa acerca do papel de destaque que Tavares dá às mulheres angolanas, quando lhes imprime vozes altissonantes, em seu projeto literário, sobretudo aquelas oriundas do sul de Angola.

pão e o vinho. Trata-se, portanto, de um ato de recusa à religião do colonizador, i.e., à do português. Ademais, não perde a oportunidade de enaltecer quais elementos esse mesmo povo tem a oferecer em seu altar, claramente evidenciados não somente na segunda, mas também na terceira e última estrofe: (“neste altar de paus e de pedras / que aqui vês / vale como oferenda / meu corpo de tacula / meu melhor penteado de missangas”). Mais uma vez, o sujeito poético não está disposto a se curvar às tradições de povos alienígenas. A ele não importa o luxo e o acabamento de altares muitas vezes construídos com o suor e o sangue de pessoas subalternizadas, mas a simplicidade de altares de paus e de pedras, pois são neles que as suas oferendas são genuinamente dispostas; neles, é o seu corpo que é dado em sacrifício, com suas características e envolto com as tradições de seus ancestrais.

Dá-se, dessa forma, a valorização de suas memórias, pois são elas que vão, também, ser responsáveis pelo fortalecimento da identidade de seu povo, daí o destaque para vocábulos cujas semânticas tornam-se prenes de imagens carregadas do uso de objetos que potencializam a religiosidade da nação angolana: “tacula” e “penteado de missangas”.

Na galeria de poetisas das letras de países africanos de língua portuguesa, acha-se, além do quadro de Paula Tavares, também o de Odete da Costa Semedo. Semedo, através de seu projeto literário, trilha caminhos que conduzem o seu leitor à potência de uma poética que serve de liame entre as memórias de conflito e o povo guineense. Diante do estabelecimento destes laços, deparamo-nos com uma escrita poética produzida a partir de sentidos sobre múltiplas identidades.

Maria Odete da Costa Soares Semedo nasceu em Guiné-Bissau, em 1959, numa época marcada pela luta de libertação de seu país. Os ares que varriam o cotidiano do povo guineense continham uma forte dose de ideias libertárias. Semedo, por seu turno, não passou ao largo desses ares; ao contrário, deu conta de construir um projeto literário cujos poemas estão eivados de fios líricos sobre a história do povo guineense. Tais fios são entretecidos com os terrores oriundos de guerrilhas travadas por ocasião do processo de descolonização, mas, por outro lado, esses mesmos fios também são entrelaçados com fortes doses de resistência e atitudes (in)submissas, em face da dominação estrangeira, cujos malefícios do obscurantismo, próprios de regimes de natureza opressiva, tende a cercear o poder criativo e artístico do povo oprimido.

Entretanto, esse poder cerceador da dominação lusa sobre Guiné-Bissau não fez calar o canto de Semedo. Sua subscrição, através de sua matéria poética, na literatura guineense, fez brotar uma escrita cultural constitutiva de identidade nacional. É o chão de seu país que lhe serve de alimento. É para ele que Semedo dedica seus versos e seus cantos. Aliás, eis um

emblemático testemunho, a esse respeito, originário de sua força expressiva: “[...] E são para a minha Guiné-Bissau estes versos, mansos no seu estar e humildes no seu fazer, um fazer que quer uma Guiné-Bissau firme, com os pés fincados no chão, esse chão-nosso de todos os tempos.” (Semedo, 2007, p. 16)

De posse, pois, deste testemunho assaz encorajador, propomos, a partir de agora, transitar por entre alguns fios que tecem determinados aspectos da poética de Odete Semedo.

Uma das primeiras atitudes de (in)submissão de Semedo foi a construção de uma escrita literária marcada pela interlocução entre o estético e o político. A representatividade de muitos de seus poemas aponta para o emprego de escolhas de um estilo próprio de linguagem, de pluralidade linguística, assim como pela utilização de símbolos culturais que dão o devido tom às cores de seu país. Esse desvelamento de Odete Semedo tornou-a mais uma das vozes combativas e transgressoras das literaturas femininas de expressão portuguesa.

Ao fazer ecoar e ressoar sua voz transgressora, Semedo se depara com um período de transição que a fez se posicionar *incontinenti*, em face de um “eu” eufórico, construído graças aos sinais favoráveis, emitidos por uma literatura composta de fortes marcas do africanismo, dada à libertação da nação de Guiné-Bissau dos tentáculos opressores de Portugal, e, por outro lado, se vê envolta no emaranhado de outro “eu” disfórico, haja vista, a força que temáticas sociais de cunho denunciador ganhou, sobretudo após a década de 1990. Esse estado de coisas deixou claro o quão incoerente foi o discurso daqueles que lutaram contra o colonialismo, mas que, ao se colocarem na posição de defensores dos direitos humanos dos oprimidos, acabou por virar as costas para a maioria da população, a qual continuou vivendo em condições precárias, graças às manobras políticas de seus signatários.

No plano da produção literária, velhos e novos rumos foram tomados: no pretérito, vozes líricas cantavam a euforia das investidas, quase sempre vitoriosas, contra os agulhões do colonizador; já no presente, outras vozes se engrossaram, numa tentativa quase que desesperada de denunciar um contexto político, econômico, social, cultural e literário que se apresenta diferente daquele ansiado pelos revolucionários, e por isso, o quadro temático, literário, transita por entre cantos gravados com as cores da miséria, do sofrimento, da dor, da violência, da desigualdade, e, até mesmo, da traição. Moema Parente Augel (2007b), em artigo em que procurou refletir a respeito da interlocução entre literatura e inclusão, assim como, o papel desempenhado pelos escritores guineenses contra a invisibilidade, traça um quadro interessante desse estado de coisas:

Seus poetas e prosadores reafirmam, a cada passo, a crença nas culturas nativas, lutam contra a anulação cultural do acervo simbólico das etnias, solidarizam-se com os excluídos, insistem na necessidade da conjugação de esforços para retirar o país da ruína social e política em que se encontra no momento. E, pelo viés da estética e da representação simbólica, através do discurso literário, os autores guineenses apontam para possíveis saídas, desconstruindo a história hegemônica, deixando falar e agir outros protagonistas. Ao mesmo tempo, a voz desses escritores leva, a ouvidos atentos de outros espaços onde o português é falado e é lido, a presença do país de Amílcar Cabral, quebrando um silêncio secular, desvelando as riquezas culturais do mosaico étnico guineense (AUGEL, 2007b, p. 49)

A voz de Odete Semedo, sem dúvida, faz parte dessa plêiade. Vários são os seus poemas que possuem uma carga semântica distópica por excelência. Assim, tendo em vista os objetivos propostos para análise de aspectos de seu projeto literário, citemos alguns, quais sejam: “Em que língua escrever”, do livro *No fundo do canto* (2007); “E fez um poema sem palavras”, também de *No fundo do canto* (2007); e, ainda do mesmo livro, “E ninguém podia crer”; da obra *Entre o ser e o amar* (1986), destacamos os poemas “O velho poilão” e “Perdidos, desnorteados”. Dados os propósitos deste texto, com sua limitação de espaço justificada, optamos por analisar tão-somente dois dos poemas elencados: “Em que língua escrever” e “Perdidos, desnorteados”.

No poema “Em que língua escrever”, o sujeito poético deixa transparecer o seu “eu” marcado por um estado de desassossego. Instauram-lhe conflito, incertezas, dúvidas, decepções. Sua sensibilidade de artista da palavra, diante dos quadros antagônicos e agônicos, pintados com as cores do pós-independência da sociedade guineense, cada vez mais, levam-na a refletir sobre a nova situação político-econômica, social e cultural que se instaurou no país. O sentimento nutrido pela euforia de lutas pró-libertação transformou-se, agora, num emaranhado de sentimentos disformes, disfóricos, sem rumo. De súbito, eis que o eu-lírico, ainda, se vê diante de sua identidade ameaçada pelas mesmas estratégias empregadas por aquele que, durante séculos, ocupou a condição de colonizador. Sua identidade passa a ser mirada pelos olhos do esfacelamento linguístico e cultural.

No referido poema, encontramos a presença de vozes transgressoras, (in)submissas, que não medem esforços para denunciar a reiteração de estratégias administrativas, antes tão condenadas pelos revolucionários, mas que foram por estes adotadas, num flagrante desejo de manter o *status quo*. A adoção dessas estratégias não tem como foco as mudanças sociais tão decantadas anos antes por uma Guiné-Bissau sedenta por transformações de cunho político, econômico, social, cultural e literário. Os novos donos do poder apenas repetem os mesmos feitos daqueles considerados algozes. Diante desse cenário contraditório e distópico, parece

restar, tão-somente, ao sujeito poético, lançar mão de seu universo crítico, como forma de não se quedar diante das ameaças às tradições e ao impedimento dos novos ares da modernidade de seu país. Escutemos, pois, as vozes emanadas de “Em que língua escrever”:

Em que língua escrever
Contando os feitos das mulheres
E dos homens do meu chão?
Como falar dos velhos
Das passadas e cantigas?
Falarei em crioulo?
Mas que sinais deixar
Aos netos deste século?
Ou terei de falar
Nesta língua lusa
E eu sem arte nem musa
Mas assim terei palavras para deixar
Aos herdeiros do nosso século
Em crioulo gritarei
A minha mensagem
Que de boca em boca
Fará a sua viagem
Deixarei o recado
Num pergaminho
Nesta língua lusa
Que mal entendo.
(SEMEDO, 2007, p. 19).

A mesma temática, discutida no poema anterior, volta a ser corroborada em “Perdidos, desnorteados”. Entretanto, neste poema, parece-nos que o grito, emanado da garganta do sujeito poético, alcança maiores projeções, quem sabe numa tentativa, meio que desesperada, para chamar a atenção de todos, especialmente de seus compatriotas, para o engodo em que se viram envolvidos, quando permitiram que todas as cartas fossem colocadas sobre as suas mesas, sem que fosse estabelecido o contraditório. Ou seja, terem se desviado dos propósitos iniciais, os quais foram gestados e construídos com fulcro no desejo de libertação, cujo ideário se baseava na possibilidade de igualdade social, oportunidade de melhores condições de vida para os seus habitantes, ruptura com os discursos preconizados pelos países estrangeiros, numa flagrante atitude de insubmissão, estivesse o povo guineense na zona rural ou nas cidades, acabou, portanto, por produzir, ainda mais, quadros intensos de miserabilidade social, culminando, inclusive, em guerra civil. A respeito desses quadros contraditórios, tão bem assimilados pela escrita literária de Semedo, a pesquisadora Inocência Mata (2000) brinda-nos com prodigiosos comentários:

[...] tão amarga quanto a consciência anti-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa é também a consciência pós-colonial, na visão mais emblemática da perda da inocência, e confrontada com o começo do tempo da distopia: através de situações que representam uma reedição dos objetivos e métodos do “antigo período”, colonial, pelo “novo período”, o do pós-independência, é posto a descoberto o modo como este também participa na “larga história de crueldade em que o colonialismo é uma página a mais” (MATA, 2000, p. 2).

A literatura produzida por Odete Semedo, por intermédio de seus múltiplos e variados fios literários entrelaçados em seus poemas, não nos deixa margem de dúvida acerca de seu diálogo com o pensamento de Mata. Senão, vejamos, os potentes versos de seu “Perdidos, desnorteados”:

Decapitado
O meu corpo rola
E deambula pelo mundo
Os meus membros se entrelaçaram
Buscando proteção fora do tempo

O meu tronco sangrando quieto
Prostrado
Numa terra sem chão
Lembra uma rês
Abatida

A minha cabeça
O meu corpo desbaratado
Os meus membros entrelaçados
Minha Guiné
Minha terra
Pprra...
Rolam. rolam e deambulam

Em movimentos incertos.
(SEMEDO, 2007, p. 26).

Considerações finais

No texto intitulado *A escrita literária em Foucault: da transgressão à assimilação*, seu autor, Marco Antônio Sousa Alves, tece um comentário muito interessante a respeito do poder subversivo e privilegiado da literatura. Ao ler o pensamento foucaultiano, Alves (2013) não perde de vista o entusiasmo do escritor e filósofo francês diante da força transgressiva da escrita literária.

Sentimos esse mesmo entusiasmo, *mutatis mutandis*, aquando da leitura de dois projetos literários de tamanha envergadura, como os de Paula Tavares e de Odete Semedo. Em ambos, é possível se deter sobre os panoramas de dois países – Angola e Guiné-Bissau – traçados com maestria por essas duas artesãs da palavra, cujas tradições de lutas revelaram ao mundo a força de povos que, apesar do longo tempo de submissão ao Portugal colonizador, ainda assim, não desistiram de conquistar sua independência. Esse cenário de lutas e conquistas ganhou espaço nos fios entretecidos por Tavares e Semedo. Estas combatentes escritoras africanas, ao fazerem uso de suas forças expressivas literárias, deram-nos a conhecer um conjunto de poemas que traduziram cada sentimento, cada desejo e anseio de sociedades que não se curvaram ante às manobras políticas e econômicas de países espoliadores.

Paula Tavares e Odete Semedo são duas vozes, em última análise, representativas de escritas literárias que conseguem traduzir, com criatividade e inventividade, o discurso contraditório e usurpador de nações que, historicamente, se colocaram no centro das atenções. A capacidade de ambas de desconstruir esse discurso, ao criar contos/cantos que serviram de exemplos de denúncia e conscientização, é alvissareiro.

Ficam, portanto, a nós, leitores, seus grandes ensinamentos, materializados em seus poemas:

De Paula Tavares,

De que cor era o meu cinto de missangas, mãe
feito pelas tuas mãos
e fios do teu cabelo
cortado na lua cheia
guardado do cacimbo
no cesto trançado das coisas da avó
Onde está a panela do provérbio, mãe
a das três pernas
e asa partida
que me deste antes das chuvas grandes
no dia do noivado
De que cor era a minha voz, mãe
quando anunciava a manhã junto à cascata
e descia devagarinho pelos dias
Onde está o tempo prometido p'ra viver, mãe
se tudo se guarda e recolhe no tempo da espera
p'ra lá do cercado
(TAVARES, 2001, p. 25).

De Odete Semedo,

Não te afastes
aproxima-te de mim
traz a tua esteira e senta-te

(.....)

Não me subestimes
aproxima-te de mim
não olhes estas lágrimas
descendo pelo meu rosto
nem desdenhes as minhas palavras
por esta minha voz trêmula
de velhice impertinente
Aproxima-te de mim
não te afastes
vem ...
senta-te que a história não é curta.
(SEMEDO, 2007, p. 370).

Referências

ALVES, Marco Antônio Sousa. *A escrita literária em Foucault: da transgressão à assimilação*. In: *Dossiê*. Belo Horizonte, v. 19, n. 1, jan.-jul. 2013.

AUGEL, Moema Parente. *Literatura e inclusão – o papel dos escritores guineenses no empenho contra a invisibilidade*. In: *Via Atlântica*. Alemanha: Universidade de Bielefeld, n. 2, dezembro de 2007b. (p. 47-66). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50081/0>. Acesso em: 10.07.2023.

EX-VOTO. In: Dicionário de Latim Online. Disponível em: www.dicionariodelatim.com.br. Acesso em: 11 jul. 2023. www.dicionariodelatim.com.br. Acesso em: 11 jul. 2023.

KRYSINSKI, Wladimir. *Dialéticas da transgressão: O novo e o moderno na literatura do século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MATA, Inocência. *O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*. Inocência Mata, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, p. 1-7, outubro 2000. Disponível em: Acesso em: 11.07.2023.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Tradição & Ruptura: O pacto da transgressão na literatura moderna*. Vila Velha, ES: Opção Editora, 2012. p. 11-14; 17-32.

SECCO, Carmem Lucia Tindó Ribeiro. *Ruminações do tempo e da memória da poesia de Paula Tavares*. União de Escritores de Angola, 2002, s/p. Disponível em www.ueaangola.org/artigo.cfm?ID=120. Acesso em 10 jul. 2023.

SEMEDO, Odete. Em que língua escrever. In: *Entre o ser e o amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1996, p. 11.

SEMEDO, Odete. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

TAVARES, P. *Diz-me coisas amargas como os frutos*. Poesia. Lisboa: Editorial Nzila, 2001.

TAVARES, P. *Ex-votos*. Poesia. Lisboa: Caminho, 2003.

TAVARES, Ana Paula. *O lago da lua*. Lisboa: Caminho, 1999.

TAVARES, Ana Paula. *Ritos de passagem*. Luanda: UEA, 1985.

Recebido em: 12/03/2024

Aceito em: 27/07/2024